

FACULDADE BATISTA TEOLÓGICA DE SÃO PAULO

**SALMOS, HINOS E CÂNTICOS ESPIRITUAIS: A TRILHA SONORA DA
ADORAÇÃO DESDE A IGREJA PRIMITIVA**

PAULO RICARDO SIMÕES BAPTISTA

São Paulo

2025

Paulo Ricardo Simões Baptista

**SALMOS, HINOS E CÂNTICOS ESPIRITUAIS: A TRILHA SONORA DA
ADORAÇÃO DESDE A IGREJA PRIMITIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial no curso de Bacharel em Teologia
da Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Alves Silva

São Paulo

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Baptista, Paulo Ricardo Simões

Salmos, hinos e cânticos espirituais: a trilha sonora da adoração desde a igreja primitiva. / Paulo Ricardo Simões Baptista. – São Paulo: Faculdade Teológica Batista, 2025.

51 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia) -
Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Alves Silva

1. Música. 2. Salmos. 3. Hinos. 4. Cânticos espirituais. 5.
Adoração. I. Título. II. Silva, Luciano Alves

CDD 783.9

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

PAULO RICARDO SIMÕES BAPTISTA

**SALMOS, HINOS E CÂNTICOS ESPIRITUAIS: A TRILHA SONORA DA
ADORAÇÃO DESDE A IGREJA PRIMITIVA**

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Luciano Alves Silva

Leitor: Prof. Me. Joerley Orlando de Oliveira Cruz

Coordenador: Prof. Me. Marcos de Almeida

DEDICATÓRIA

À minha esposa Luciana, mulher sábia, paciente, ajudadora e maior incentivadora em todos os momentos.

Ao meu pai Paulo Darcio, (*in memoriam*), meu herói, melhor amigo nesta vida e maior exemplo de cristão que conheci.

À minha mãe Neide, pelo grande exemplo de amor, fidelidade e de um relacionamento profundo com Deus.

Aos meus filhos, Paula, Renato e Michelle, que completaram minha vida e continuam me ensinando a ser uma pessoa melhor a cada dia.

À minha tia Marli, que desde pequeno não poupou esforços para me encaminhar no aprendizado da música.

AGRADECIMENTO

A Deus, acima de tudo, por me amar primeiro e permitir caminhar uma linda jornada de relacionamento profundo com ele.

À minha esposa, pelo amor e dedicação em todos estes anos juntos, e por não deixar de estar comigo, mesmo nos momentos difíceis.

Ao meu pai (*in memoriam*), por todos os ensinamentos como pai, amigo e pastor, meu maior exemplo de um servo fiel a Deus.

À minha mãe, incansável, grande apoiadora, que não mediu esforços em toda minha vida para que eu chegasse até aqui.

Ao professor Luciano Alves, pelas sábias orientações e direcionamentos na elaboração deste trabalho.

Ao pastor Rivanildo Segundo Guedes, um servo de Deus que entrou em minha vida num dos momentos mais difíceis que vivi, e se tornou um amigo verdadeiro.

À minha amada Igreja Batista Unida do Brás, onde nasci, aprendi a andar nos caminhos do Senhor Jesus e onde, especialmente, tenho tido a oportunidade de usar os dons e talentos que Deus me deu durante toda minha vida.

EPÍGRAFE

Louvado seja o Senhor!

Louvem o Senhor em seu santuário, louvem-no em seu majestoso céu!

Louvem-no por seus feitos poderosos, louvem sua grandeza sem igual!

Louvem-no com o toque da trombeta, louvem-no com a lira e a harpa!

Louvem-no com tamborins e danças, louvem-no com instrumentos de cordas e
flautas!

Louvem-no com o som dos címbalos, louvem-no com címbalos ressonantes!

Tudo que respira louve ao Senhor!

Louvado seja o Senhor!

Salmos 150.1-6 (NVT)

RESUMO

Esta pesquisa tratou de identificar a importância da música no relacionamento com Deus, a partir da lente das três composições musicais “salmos, hinos e cânticos espirituais”, propostas pelo apóstolo Paulo em suas cartas aos Efésios e Colossenses para a igreja primitiva do primeiro século, concluindo que a adoração através da música foi proposta por Deus e deve ser realizada mediante o enchimento da palavra de Cristo e do transbordar do Espírito Santo na vida do verdadeiro adorador.

Palavras-chaves: Música. Salmos. Hinos. Cânticos Espirituais. Relacionamento. Adoração.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. UMA JORNADA BÍBLICO-MUSICAL	15
1.1. A existência da música – Origem celestial	15
1.2. Deus canta	16
1.3. A música no ser humano	17
1.4. A primeira referência bíblica	19
1.5. A trilha sonora na tradição judaica	20
1.6. A trilha sonora na tradição cristã no primeiro século	23
1.7. A música no céu	27
2. ANÁLISE DAS CARTAS AOS EFÉSIOS E COLOSSENSES E O CONTEXTO DA IGREJA PRIMITIVA NESTAS CIDADES	29
2.1. Contexto geográfico e histórico nos tempos de Paulo	29
2.2. Destinatários das cartas	30
2.3. Semelhanças entre as cartas	31
2.4. Tema tratado nas duas cartas	31
2.5. Contexto das igrejas de Éfeso e Colossos	32
3. TRICOTOMIA MUSICAL: SALMOS, HINOS E CÂNTICOS ESPIRITUAIS	34
3.1. Salmos, Hinos e Cânticos espirituais: sinônimos ou expressões distintas? ..	36
3.2. Salmos	39
3.3. Hinos	40
3.4. Cânticos espirituais	41
4. APLICAÇÃO PRÁTICA	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
BIBLIOGRAFIA	48

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa parte da premissa de que todas as coisas foram criadas por Deus (Jo 1.3) e, conseqüentemente, a música é, também, uma criação divina. Ela foi criada antes do próprio ser humano e, maravilhosamente, no momento da criação do mundo, início do Gênesis, já se ouvia uma trilha sonora com melodias celestiais.

A música possui características e propósitos definidos pelo Criador, dentre eles, participar como instrumento no relacionamento entre Deus e o ser humano. Como disse Júnior Sérgio (2024, p. 14), “a música que cantamos, tocamos ou ouvimos foi criada como ponto de contato entre o céu e a terra”, ou, em outras palavras, ela funciona como um elo que liga e traz mais para perto, conectando e auxiliando no aprofundamento da relação do Criador com a criatura e vice-versa.

A importância que Deus dá à expressão musical no relacionamento com seu povo é tamanha, a tal ponto de, além dos muitos momentos descritos em toda a história bíblica do Antigo e Novo Testamentos, ainda existirem dois livros inteiros no Antigo Testamento que remetem diretamente à música. O primeiro é Salmos, que é, inclusive, o maior de todos os livros da Bíblia e, o segundo, o livro atribuído ao rei Salomão pela tradição judaica e cristã, intitulado na Bíblia Hebraica como *Shir Hashiim*, traduzido como “o Cântico dos Cânticos”, isto é, um superlativo hebraico sugerindo a ideia de “o cântico por excelência” ou “o maior de todos os cânticos”.

A influência da música na formação do ser humano também é tão relevante que diversos pensadores, filósofos, músicos, psicólogos, literatos e muitos outros de notório saber já se debruçaram sobre o tema e expressaram suas ideias das mais diferentes formas.

H. R. Rookmaaker (2010, p. 15), por exemplo, chega a dizer que a música é “a maior das artes. Ela nos domina emocionalmente e, ainda assim, não pode ser facilmente analisada”.

O respeitado pastor e ministro de louvor brasileiro Adhemar de Campos (2006, p. 20) por sua vez, diz que “a música talvez seja a mais bela dentre as artes e a que mais expressa o sentimento humano em relação a Deus, à vida e às pessoas”.

Lembramos também da frase frequentemente atribuída a Aristóteles¹ que, embora não seja uma citação direta de suas obras conhecidas, reflete seu pensamento filosófico sobre a música e sua relação com a alma e a espiritualidade: “A música é celeste, de natureza divina e de tal beleza que encanta a alma e a eleva acima da sua condição”.

Outro que refletiu sobre o tema foi o filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche (2001, p. 11), famoso por sua crítica à religião, especialmente o cristianismo, mas que dava grande importância à música para a vida e o pensamento como um elemento essencial para a existência humana, resumindo esta visão em sua célebre frase “Sem a música, a vida seria um erro”.

Ao tratar da presença da música na vida do ser humano, a musicista e escritora Clotilde Espínola Leinig nos brinda com uma linda reflexão ao escrever de forma alegórica, como se a própria Música fizesse uma apologia de si mesma:

São tão controversas as opiniões sobre a minha origem! Uns dizem que, antes mesmo da vida humana começar na terra, eu já estava no zunir dos ventos e no marulhar das águas; outros acham que vim do gorjear dos pássaros, do farfalhar das árvores ou que nasci do elemento primário da linguagem, a entonação. Na realidade, o que sei mesmo, é que a parte vital do meu ser foi constituída por dois elementos de extraordinária beleza – o ritmo e o som – e que o homem, com a sua inteligência prodigiosa e o seu poder criativo, foi quem os uniu numa admirável simbiose, para que eu pudesse vir ao mundo, encantar a sua vida. Passei a fazer parte da vida da humanidade, tornando-me universal, pois que a minha linguagem é a única compreendida por todos os povos. (2009, p. 29)

Pensando na música como ciência, vemos que, quando utilizada corretamente, ela tem o poder de estimular as emoções na medida certa, trazendo sentido e beleza no íntimo do ser. O professor Marcio Miranda Pontes², em seu comentário sobre o efeito da música na vida das pessoas, afirma:

Já foi comprovado que a música é capaz de provocar os mais diversos efeitos e respostas em nosso corpo. O ato de ouvir e aprender música desenvolve a mente humana, promove o equilíbrio, gera a sensação de bem-estar, facilita a concentração e o raciocínio, fortalece a memória, além de aperfeiçoar nossa noção de tempo e espaço.

¹ ARISTÓTELES. Disponível em <https://www.pensador.com/frase/MTA1MzM>. Acesso em 33 mar. 2025.

² PONTES, Marcio Miranda. Qual é o efeito da música na vida das pessoas? Disponível em <<https://www.sabra.org.br/site/efeitos-musica/#:~:text=O%20ato%20de%20ouvir%20e,no%20C3%A7%C3%A3o%20de%20tempo%20e%20e spa%20C3%A7o>>. Acesso em 08 mar. 2025.

Portanto, segundo a nossa compreensão, não foi à toa que Deus, o Criador e conhecedor do tremendo impacto que a música tem sobre o ser humano, inspirou os autores bíblicos a registrarem nas Escrituras Sagradas diversos momentos em que a música fez parte da história, funcionando como uma trilha sonora divinamente proposta para cada situação, seja completando o cenário como pano de fundo, seja servindo no papel principal, mas sempre corroborando para alcançar o resultado almejado por Ele.

Sobre a presença da música na história, Clotilde Espínola Leinig afirma:

Tanto quanto as demais artes e demais acontecimentos sociais, políticos e religiosos, a música fez parte de todos os períodos pelos quais passou a humanidade, sendo considerada também como uma parcela desse fluir contínuo e ininterrupto de fatos e eventos ocorridos que marcaram a vida dos nossos antecessores. (2009, p. 37)

É o que constatamos nos relatos bíblicos também. Do Gênesis ao Apocalipse, não importa a época, a música esteve presente e cumpriu os mais variados propósitos. Ao analisar a vida do povo de Deus, a monja, artista e escritora Maria Victoria Triviño Monrabal (2006, p. 11) constata que “A Sagrada Escritura está cheia de músicas, vozes, rumores; (...) a música estava na alma do povo de Israel. Ela surgia em suas mais belas manifestações por ocasião dos acontecimentos familiares, nacionais e religiosos”.

No site “Meloteca” encontramos um estudo publicado por Antonio José Ferreira³ onde afirma que:

As mais de seiscentas referências musicais que podemos contar em toda a Bíblia, geralmente do culto pós-exílico em que se distingue o culto no templo e o culto sinagoga, reflectem uma vasta gama de situações e sentimentos: derrota e vitória, o amor e o sofrimento, a tristeza e a alegria da vida quotidiana, ensino e festa. A música reflecte o diálogo de Deus com o homem, na Palavra e na resposta. Nela se encontram o passado e o futuro, o cativo de Babilónia e a Jerusalém celeste, a dor e o louvor, a natureza e o homem.

Fazendo uma analogia com o cinema, a música na Bíblia aparece como uma trilha sonora divina que ajuda na criação da atmosfera, intensifica as emoções e permite a criação de memórias afetivas, além de fortalecer a narrativa que está sendo contada.

³ FERREIRA, Antonio José. As fontes Bíblico-patristicas da Música Litúrgica. Disponível em <<https://www.meloteca.com/portfolio-item/fontes-biblico-patristicas/>> Acesso em 18 mai. 2025.

Não importa o gênero literário do texto sagrado – narrativo, poético, profético, epistolar, sapiencial e até apocalíptico – em todos eles, a música sempre esteve presente seja para festejar, celebrar, lamentar, e nos momentos de guerras, mas especialmente, a música estava, e continua até os dias atuais, direcionada para o louvor a Deus, ao relacionamento, à confissão de fé e ao ensino das pessoas a partir de sua vinculação com a Palavra de Deus.

Assim, com base na premissa de que a música foi criada por Deus e na perspectiva de que há uma razão espiritual para seu uso no relacionamento com o Criador, o tema principal desta pesquisa será refletir na importância da música e sua relevância no relacionamento cristão com Deus.

Para tanto, iremos delimitar nossa análise nas três modalidades de composição musical, “salmos, hinos e cânticos espirituais”, citadas pelo apóstolo Paulo em suas cartas aos Efésios 5.18-19 e Colossenses 3.16, entender seu papel nas igrejas primitivas de Éfeso e Colossos e, a partir daí, refletir no impacto sobre a vida cristã até nossos dias.

Não restam dúvidas quanto à importância da música, bem como a força que ela exerce sobre o ser humano e, ao nosso ver, o tema deste trabalho se torna relevante pois mira os holofotes para o papel da música no relacionamento com o Criador, possivelmente ofuscado ou até deturpado ao longo do tempo, e tem como objetivo resgatar a essência do entendimento de como ela pode atuar como uma trilha sonora de uma adoração verdadeira.

Para elaboração desta pesquisa, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, especialmente através de livros escritos por autores cristãos e não cristãos, relacionados à música e adoração na igreja primitiva e contemporâneos, além de pessoas envolvidas com a área da música em suas respectivas igrejas, e, como fonte principal, a própria Palavra de Deus.

Sendo assim, o presente trabalho está organizado em quatro capítulos. No primeiro, iremos fazer uma breve jornada bíblico-musical para identificar alguns momentos registrados pelos autores bíblicos inspirados pelo Espírito Santo, examinar seus contextos históricos e buscar compreender a presença da música em tais cenários, sua relevância na relação de Deus com o ser humano, seja na tradição judaica, seja na tradição cristã.

No segundo capítulo, focaremos nas epístolas do apóstolo Paulo escritas aos Efésios e Colossenses, identificando alguns pontos relevantes, tais como contexto

histórico e diferenças entre essas duas cidades na época de Paulo, as realidades de cada igreja e o conteúdo das cartas.

No terceiro capítulo, após entendermos os contextos das epístolas, faremos uma análise dos três tipos de composição musical propostas pelo apóstolo Paulo para serem usadas pelos cristãos. São elas os “salmos, hinos e cânticos espirituais”.

E no quarto e último capítulo, refletiremos sobre o impacto da música, sejam “salmos, hinos e/ou cânticos espirituais”, como expressão na prática da vida cristã e seu papel na adoração verdadeira, especialmente em relação ao relacionamento real com Deus.

1. UMA JORNADA BÍBLICO-MUSICAL

Nesta breve jornada que estamos chamando de bíblico-musical, iremos identificar algumas situações descritas nas Escrituras Sagradas em que a música faz parte do cenário, demonstrando sua importância no relacionamento entre o Todo-poderoso e o Homem de fé, tanto na tradição judaica quanto na tradição cristã do primeiro século.

1.1. A EXISTÊNCIA DA MÚSICA – ORIGEM CELESTIAL

Primeiramente, começamos a jornada identificando que a música é de origem celestial e já estava presente na criação do universo, antes do próprio Homem. É o que se confirma pela leitura da impactante conversa descrita no livro de Jó, quando Deus questiona onde ele estava quando a terra foi fundada, ou, em outra tradução da Bíblia, quando os alicerces do mundo foram lançados (Jó 38). Em um momento deste diálogo, aprendemos que enquanto Deus estava criando o mundo, já se ouvia a música sendo cantada pelas estrelas da manhã juntas e os anjos davam gritos de alegria (Jó 38.7).

Uma visão alegórica deste lindo cenário da criação pode ser lida na obra literária de mito-poesias chamada “O Silmarillion”⁴, escrita pelo grande J. R. R. Tolkien. Trata-se de uma ficção que retrata os Dias Antigos, ou da chamada Primeira Era do mundo de Tolkien, e logo na primeira parte do livro intitulada “Ainundalë”, vemos a ideia de um Criador que ao criar os primeiros Seres, propôs-lhes temas de músicas para cada um, as quais passaram a ser cantadas em sua presença, deixando-o contente. Após uma sequência de fatos narrados no capítulo, vemos que as diversas músicas, cantadas em uníssono e harmonia, foram moldando o tema em uma grande música, e no Vazio, onde havia apenas a audição, o Criador deu-lhes a visão do novo Mundo criado pela Música.

Assim, a primeira constatação é que antes da criação do próprio Homem descrita em Gênesis, já se ouvia o som e a música ecoando nos lugares celestiais num tipo indescritível de experiência musical no relacionamento entre Deus, os anjos

⁴ TOLKIEN, J. R. R.; editado por Christopher Tolkien; tradução de Reinaldo José Lopes. *O Silmarillion*. 1ª Ed. Harper Collins, Rio de Janeiro: 2019

e as estrelas criadas, e, enquanto o mundo estava sendo criado por Deus, podemos imaginar que uma trilha sonora divina acompanhava alegremente a criação desde seus primeiros dias.

1.2. DEUS CANTA

Outra constatação relevante que fazemos sobre a origem da música, antes de explorarmos sua presença nas tradições judaica e cristã, é que o próprio Deus canta!

A música está em Deus, o que resta confirmado em Sofonias 3.17, quando informa que ele se alegra com seu povo e exulta com cânticos. O pastor e teólogo norte-americano Warren Wendel Wiersbe em seus comentários da Bíblia, diz:

Nosso Deus é um Deus que “canta”. Deus Pai canta para o remanescente judeu que entra no reino (Sf 3:17). Deus Filho cantou no encerramento da Festa da Páscoa e depois foi ao jardim para orar (Mt 26:30). Ele também cantou após Sua ressurreição triunfante dos mortos (Sl 22:22; Hb 2:12). Deus Espírito canta hoje através dos corações e lábios dos cristãos que louvam a Deus no Espírito (Ef 5:18-21). (2007, p. 1486, tradução nossa)⁵

Charles H. Spurgeon, conhecido como o “Príncipe dos Pregadores”, em seu sermão baseado no texto de Sofonias 3.17, intitulado “*A Sermon for Time Present*”, de 30 de outubro de 1887, escreveu:

A última palavra é, no entanto, a mais maravilhosa de todas: “Ele se alegrará em ti com cânticos”. Pense no grande Jeová cantando! Você consegue imaginar isso? É possível conceber a Divindade irrompendo em uma canção: Pai, Filho e Espírito Santo juntos cantando sobre os redimidos? Deus é tão feliz no amor que Ele tem por seu povo que Ele quebra o silêncio eterno, e o sol, a lua e as estrelas com espanto ouvem Deus cantando um hino de alegria. (1887, tradução nossa)⁶

⁵ “Our God is a “singing” God. God the Father sings to the Jewish remnant entering the kingdom (v. 17). God the Son sang at the close of the Passover Feast, and then went to the garden to pray (Matt. 26:30). He also sang after His triumphant resurrection from the dead (Ps. 22:22; Heb. 2:12). God the Spirit sings today through the hearts and lips of Christians who praise God in the Spirit (Eph. 5:18–21).”

⁶ Texto digital. <https://www.spurgeon.org/resource-library/sermons/a-sermon-for-time-present/#flipbook/> “The last word is, however, the most wonderful of all: “He will joy over thee with singing.” Think of the great Jehovah singing! Can you imagine it? Is it possible to conceive of the Deity breaking into a song: Father, Son and Holy Ghost together singing over the redeemed? God is so happy in the love which he bears to his people that he breaks the eternal silence, and sun and moon and stars with astonishment hear God chanting a hymn of joy.”

Por sua vez, o pastor batista John Piper em uma de suas obras-primas, ao refletir em um capítulo sobre “o prazer de Deus em fazer o bem a todos os que esperam nele”, faz uma linda e profunda reflexão sobre o cantar de Deus:

Já imaginou como seria ouvir Deus cantando? Uma simples palavra dita por ele trouxe o universo à existência. O que aconteceria se Deus erguesse a voz e não apenas falasse, mas cantasse? Talvez fossem criados um novo céu e uma nova terra.

Que som lhe vem à mente quando você imagina Deus cantando? Ouço o estrondo das Cataratas do Niágara misturado ao gotejamento de um riacho que corre entre musgos na montanha. Ouço o fragor do Monte Santa Helena misturado ao ronronar de um gato. Ouço a força de um furacão da costa leste e o sopro quase inaudível da neve noturna nos bosques. Ouço o troar inimaginável do sol, com seu 1,4 milhão de quilômetros de diâmetro, 1,3 milhão de vezes maior do que a terra e um milhão de graus centígrados na superfície de temperatura menos intensa da coroa solar. Entretanto, ouço esse troar inimaginável misturado ao crepitar suave e caloroso da lenha na sala de estar durante uma noite aconchegante de inverno.

Quando ouço esse canto, fico perplexo, chocado, sem palavras, porque seu canto é sobre mim – alguém que o desonrou tantas vezes e de tantas maneiras. É quase bom demais para ser verdade. Ele se alegra com o meu bem de todo o coração e toda a sua alma. Ele praticamente irrompe em canções quando descobre uma nova maneira de me fazer o bem. Não ousaria dizer isso por conta própria. Tampouco poderia dizê-lo se não houvesse descoberto um fundamento para sua alegria que não é minha justiça. Digo-o, porém, mediante a autoridade do profeta Jeremias. (cf. Jeremias 32.39-41) (PIPER, 2023, p. 187/188)

Vemos, portanto, que a origem da música está no próprio Deus, criador de todas as coisas, e ele a utiliza como uma forma de comunicação e expressão que transcende as palavras, capaz de demonstrar sua emoção e despertar tantas outras emoções sobre aqueles que a ouvem.

1.3. A MÚSICA NO SER HUMANO

Continuamos nossa jornada, agora com o olhar voltado para o ser humano no mundo criado e a presença da música no relacionamento com Deus. Veremos que a música foi dada por Deus e pode ser usada como uma via de duas mãos, sendo o próprio Deus se comunicando e, de outro lado, permitindo que o Homem também se comunique. Neste sentido, o maestro Heliobaldo Pereira dos Santos (2014, p. 25) afirma que “A música vem de Deus. Ele nos deu a música tendo em vista as finalidades divinas, e ordenou que ela assumisse um lugar significativo nos atos de louvor que os Homens devem lhe prestar”.

Desde o início do mundo vemos a música sendo introduzida na criação de diversas formas. Júnior Sérgio faz uma interessante análise de cada dia da criação, ao perceber que:

No primeiro dia, Deus disse “Haja luz” e houve luz. (...) Para muitos cientistas, a música é em forma de luz; a música foi inserida na terra como criação através do “Haja” de Jesus. (...)

No segundo dia, Deus separou as águas do firmamento. E chamou a água de mar e o firmamento de céu. A música veio com barulho de ondas e ventos. (...)

No terceiro dia, Deus disse “ajuntem-se as águas em um só lugar e apareça uma porção seca”. E chamou de terra seca. E neste dia também, Deus fez os gramados e as árvores frutíferas. A bíblia relata que as árvores batem palmas para louvar a Deus. (Leia Isaías 55.12 e Salmos 98.8).

No quarto dia, Deus criou o sol, a lua e as estrelas. O raio do sol emite sons, a luz das estrelas são sons.

No quinto dia, Deus criou todos os animais e peixes que vivem nas águas, e todas as aves. Desta vez, por meio de animais que emitem sons para louvar a Deus.

No sexto dia, Deus criou todos os animais que vivem na terra, os répteis, os animais domésticos e os animais selvagens. E Deus criou também o homem e a mulher. Mas o homem e a mulher não eram como os animais, porque Deus os criou semelhantes a Ele. A terra produziu animais conforme a ordem de Deus, animais estes que através do seu dom louvam a Deus. Logo depois, Deus forma o homem do pó da terra e assopra o fôlego de vida nele, trazendo à existência a coroa da criação que iria, sim, adorá-Lo com excelência, em espírito e em verdade. (2024, p. 52)

O ser humano recebeu do Criador este incrível presente e, como disse John Coblentz (2011, p. 05), “Entre as lindas coisas com que Deus adornou a sua criação, e longe de ser a menor, está a música”.

A música é uma parte importante para o sucesso no relacionamento com Deus. Ao refletir sobre a relação de Deus com a música, Adhemar de Campos diz:

Alguém disse que seria impossível compreendermos as Sagradas Escrituras se não tivéssemos comunhão com a Pessoa que a inspirou. Da mesma forma afirmo que a música é indissociável da pessoa do próprio Deus, uma vez que ela nasceu em seu coração. Em toda a Bíblia, de Gênesis a Apocalipse, Deus se revela um ser musical. (2006, p. 13)

O ser humano é um ser criado assim como todo o restante da criação, mas há um elemento que faz com que a humanidade ocupe um lugar singular. O relato da criação em Gênesis 1, especificamente quinto e sexto dia, conta que os pássaros, peixes, animais terrestres, domésticos e selvagens, foram feitos “cada um conforme a sua espécie” (Gn 1.20-25), mas em relação ao ser humano, o texto nos traz uma

informação diferente ao informar que o Homem foi criado “à imagem e semelhança de Deus” (Gn 1.26-27).

Millard J. Erickson (1997, p. 213), ao tratar do significado teológico da criação humana, confirma esta diferenciação na criação do ser humano e demais seres, e afirma que “Apesar de criaturas, somos as mais elevadas dentre elas, as únicas feitas à imagem de Deus.”

Não é foco deste trabalho tratar dos diferentes tipos de concepções da imagem de Deus, ou responder às dificuldades de determinar o que consiste a imagem de Deus no ser humano, mas é inegável que há um conjunto de qualidades de Deus que foram refletidas na criação dos Homens, as quais os distinguem de todas as outras criaturas, sendo uma delas a musicalidade.

Sendo assim, há muitos motivos para concluir que a música podia ser ouvida desde o Jardim do Éden. A começar pelo som da própria natureza e de todos os animais, pois, tudo o que há na terra canta louvores a Deus e anuncia seu nome em cânticos (Sl 66.4 e 148.1-14). Inclusive, o verbo hebraico para a palavra “cantar” utilizado no original hebraico no Salmos 66.4 é *zamar*, um termo de louvor dirigido ao próprio “nome” do Senhor (Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento 1998, p. 396).

E, também, por tudo que vimos até aqui, podemos inferir que nos encontros que ocorriam no soprar da brisa ao entardecer com o Senhor Deus (Gn 3.8), Adão e Eva eram privilegiados ao ouvir sua voz enquanto andavam pelo maravilhoso Jardim e gozavam da companhia e comunhão íntima com Deus. Esta é a maravilhosa cena no Jardim do Éden: O único e verdadeiro Deus, que fala e canta, se relaciona com o ser humano, criado à sua imagem e semelhança, portanto, que fala e canta.

1.4. A PRIMEIRA REFERÊNCIA BÍBLICA

Em relação à música propriamente dita, a primeira referência bíblica a seu respeito na terra aparece em Gênesis 4.21. Muitas histórias já haviam acontecido antes de chegarmos neste período, tais como a queda e expulsão do Homem do Paraíso, nascimento dos irmãos Caim e Abel e o assassinato de Abel. Na sequência da genealogia de Caim, após oito gerações começando em Adão, conhecemos o que ficou conhecido como “pai dos músicos” segundo a tradição de Israel, chamado Jubal, o precursor dos que tocam harpa e flauta.

Interessante que a genealogia até Israel não passa por Caim. Esta ficou de fora e Israel se vincula a Adão pela linha genealógica de Sem. Concluímos que Jubal e seus filhos fizeram os instrumentos e ao longo da história houve o cruzamento das filhas dos homens com os filhos de Deus⁷ (Gn 6.1-7), sendo transmitida de geração em geração a arte de tocá-los. Assim, uma geração corrompida chega até os tempos de Noé, e através do dilúvio, Deus depura a humanidade e tempos depois, a especialidade da música será assimilada pela tribo de Levi.

1.5. A TRILHA SONORA NA TRADIÇÃO JUDAICA

Neste item, destacaremos alguns momentos importantes em que as Escrituras nos mostram sua ocorrência na vida e tradição do povo judeu em relação ao relacionamento com Deus. Vale lembrar que, antes de se tornarem uma nação, os antepassados do povo de Deus eram tribos semitas, nômades, em permanente movimento devido à sua dedicação ao pastoreio, portanto, diferentes de outros povos sedentários, basicamente agricultores fixados em seus terrenos, situação que também exercia influência na ocorrência da música.

Maria Victoria Triviño Monrabal faz uma análise sobre a relação que há entre a forma de vida dos povos antigos e seus costumes, incluindo a arte. Sobre os nômades, que era o caso do povo escolhido no início de sua jornada, ela ensina:

Estas duas formas de vida – nômade e sedentária – determinaram o sentido do sagrado e influíram nos costumes dos povos antigos. Os nômades criaram uma arte baseada no ritmo, na fonética, na música, na poesia e no canto. Isto é, vinculada ao sentido do ouvido e ao tempo. Transmitiam suas tradições oralmente e seus ritos sacrificiais consistiam na imolação de animais de seu rebanho. É o que vemos constantemente na história patriarcal. (2006, p. 16)

⁷ De modo geral, **filhos de Deus** têm sido identificados como anjos caídos (cp. a mesma expressão hebraica em Jó 1.6; 2.1; 38.7; Sl 29.1; 89.7). Essa interpretação é proeminente da antiga literatura judaica e cristã (p. ex.: *1Enoque* 6.1 – 7.6; Justino Mártin, *Apologia*, 2.5) e é, aparentemente, apoiada pelo NT (ver 1Pe 3.18-20; 2Pe 2.4; Jd 1.6-7). Alguns intérpretes não creem que Deus permitiria que anjos procriassem com seres humanos e duvidam que os textos do NT devam ser lidos dessa maneira. Outra possibilidade é que *filhos de Deus* se refira aos descendentes justos de Sete, enquanto as **filhas dos homens** eram descendentes da linhagem ímpia de Caim. Essa interpretação harmoniza com 4.17 – 5.32, mas é enfraquecida pela linguagem usada em 6.1-2, que parece referir-se às filhas da humanidade em geral, e não às filhas de Caim em particular. Outros acreditam que *filhos de Deus* é uma referência a reis humanos tirânicos (possivelmente possuídos pelo demônio) que levaram a poligamia de Lameque (4.19) a um novo patamar de perversidade ao tomar para si as filhas dos justos. A linguagem alusiva a 3.6 (**perceberam [...] tomaram**) mostra a natureza rebelde do ato. (BÍBLIA DE ESTUDO NOVA VERSÃO TRANSFORMADORA, 2018, p. 33).

Após a libertação do povo da escravidão no Egito e de presenciarem tantos milagres, entre eles o incrível livramento e abertura do mar Vermelho, em Êxodo 15 há pela primeira vez a citação de um cântico de louvor onde Moisés celebra a vitória sobre os egípcios e a destruição dos exércitos de Faraó. Neste mesmo capítulo, também lemos o cântico da profetisa Miriã, agora não só a voz, mas também incluindo o tamborim, instrumento de percussão que “servia habitualmente para acompanhar a dança festiva” (MONRABAL, 2006, p. 47), junto com todas as mulheres, cantando, tocando e dançando.

Outro exemplo é o hino de vitória descrito em Juízes 3, cuja composição é atribuída à juíza Débora, considerado um dos mais antigos poemas em hebraico, composto para celebrar a humilhante derrota imposta a Sísera e suas poderosas carruagens. Ou ainda quando o exército de Saul regressou vitorioso, depois que Davi matou o gigante filisteu, e mulheres de todas as cidades cantavam e dançavam de alegria, com tamborins e címbalos (1Sm 18.6).

Percebemos que é bastante recorrente no Antigo Testamento o uso da música nas celebrações das vitórias alcançadas pelo povo judeu, fazendo parte do relacionamento com o Deus que garante a vitória nas situações difíceis.

Mas não somente para celebrar as vitórias. A caminhada do povo descrita no Antigo Testamento também é recheada de histórias em que a música é usada para agradecer a Deus. Como, por exemplo, no tempo dos Juízes, antes de Israel ser uma nação unificada sob um rei, mas já desfrutando da conquista da terra prometida, não mais nômades, tendo assimilado de certa forma a cultura e costumes sedentários, mas sem perder totalmente a cultura já adquirida em sua caminhada pelo deserto por 40 anos, conhecemos o cântico de Ana (1Sm 2), uma linda oração de gratidão e louvor a Deus que reflete sua alegria e reconhece a intervenção divina em sua vida, e testemunha da fidelidade de Deus e sua capacidade de transformar situações de desespero em bênçãos.

Outro exemplo da expressão de gratidão através da música no relacionamento com Deus, já no período do reino dividido, a Bíblia relata a surpreendente história de Jonas, profeta em Israel, o reino do norte, quando, após um ato de desobediência a Deus, faz uma oração de dentro do peixe onde demonstra um coração quebrantado e como prova de seu profundo arrependimento, declara que irá oferecer sacrifícios com cânticos de gratidão. A palavra utilizada no original hebraico para gratidão em Jonas

2.9 é *todah*, a qual refere-se a declarações concretas de ação de graças no contexto do culto, usualmente por meio de cânticos ou sacrifícios.

A música também é usada para ajudar a lembrar o passado. Aproximando-se o momento da morte de Moisés, um cântico foi composto para lembrar os israelitas da fidelidade de Deus no passado e da frequente deslealdade do povo. Assim, o último presente de Moisés ao povo de Deus foi uma canção de testemunho composta por ele e registrada em Deuteronômio 32, e por meio desta música, “eles seriam lembrados das bênçãos divinas pela obediência e invocariam o juízo divino caso se provassem infiéis” (BÍBLIA DE ESTUDO NOVA VERSÃO TRANSFORMADORA, 2018, p. 345).

Também vemos a música sendo utilizada por Deus e participando fortemente na vida de Davi. Várias situações envolveram a música e aquele que viria a ser o maior rei de Israel, chamado pelo próprio Deus como um “homem segundo o meu coração” (At 13.22). A começar de quando ainda era um pastor no campo, após ser ungido por Samuel, mas ainda sem ser rei de Israel, foi usado por Deus para expulsar um espírito maligno que atormentava o rei Saul através da música, especificamente o toque de sua harpa (1Sm 16.14-23). Posteriormente, já na condição de rei de Israel, a narrativa histórica judaica relata um grande evento envolvendo o transporte da arca da aliança (1Cr 15) e, a julgar pelos detalhes da preparação para a transferência deste símbolo sagrado e a proeminente participação de músicos levitas, é nítida a importância da música para o evento. Após chegar no seu destino, Davi nomeou os músicos levitas para servirem diante da arca do Senhor com seus instrumentos em ação de graças (1Cr 16).

Outro acontecimento importante na vida de Israel foi a ocasião da dedicação do Templo construído pelo rei Salomão, filho e sucessor de Davi. A narrativa dá muita ênfase na participação da música como trilha sonora desde o transporte da arca da aliança até o templo, e após ser colocada no lugar santíssimo, ao som de instrumentos e cantos de louvor, a presença gloriosa do Senhor encheu o templo (2Cr 5).

Vemos pelas histórias dos reis Davi e Salomão que a música é poderosa, podendo ser usada por Deus para libertação e em cenários de adoração verdadeira em sua presença. São momentos em que as pessoas vivem intensamente a presença de Deus e o peso de sua glória.

O templo de Jerusalém também é um excelente exemplo do relacionamento de Deus com seu povo em que a música faz parte do cenário. Nele são realizadas festas

da tradição judaica, sendo as três principais: a Páscoa, a única festa noturna, que comemorava a redenção ou saída do Egito; a festa da Ceifa ou Pentecostes que celebrava a promulgação da Lei no Sinai; e a festa das Tendras, para recordar a permanência do povo no deserto. Em todas essas estão presentes o canto, a música e a dança (MONRABAL, 2006, p. 18).

Já no cativeiro babilônico, após a queda do reino de Judá e deportação para a Babilônia (586/538 a.C.), o salmista revela que o panorama mudou completamente. Longe de sua terra e do templo, a música de Jerusalém que era associada à alegria da vida na terra prometida, já não seria mais tocada em razão da tristeza e sofrimento no exílio, a ponto de pendurarem suas harpas nas árvores e não conseguirem atender as ordens dos babilônios (Sl 137.1-4), restando apenas as endechas.

Após o período do exílio babilônico, o cenário mudou com o retorno do povo para Jerusalém, especialmente com a reconstrução do templo sob a direção de Esdras e Neemias. Esdras revela que assim que os construtores terminaram os alicerces do templo, ouviu-se o soar dos instrumentos e entoaram um cântico de louvores e ação de graças ao Senhor (Ed 3.10-12).

Colocamos acima apenas algumas situações narradas na Bíblia, exemplificando situações de celebração por vitórias, agradecimento, para lembrar o que Deus falou, libertação de espíritos malignos, adoração verdadeira com a presença de Deus, o canto triste quando se está sofrendo o castigo do pecado, ação de graças pela restauração, e poderíamos citar muitas outras.

Através dessas poucas histórias, constatamos a importância da música na relação entre Deus e os Homens desde a criação. É fato que a adoração a Deus não se restringe apenas à música, mas pelas situações descritas, temos a convicção de que ela era o *modus operandi* de louvor, ação de graças, adoração e exortação no período primitivo da história judaica.

1.6. A TRILHA SONORA NA TRADIÇÃO CRISTÃ NO PRIMEIRO SÉCULO

Continuamos a jornada bíblico-musical para identificar algumas situações na igreja primitiva do primeiro século. Em comparação com o Antigo Testamento, Russell P. Shedd afirma que “surpreendentemente encontramos poucas referências ao cântico no Novo Testamento” (SHEDD, 2007, p. 109). Ainda assim, a música continua

presente em várias situações, tanto que há muitas citações de Salmos e cânticos espalhados pelos livros do Novo Testamento, especialmente nas epístolas.

A primeira constatação é que a fé cristã primitiva emergiu no contexto judaico e, dentre as heranças do judaísmo, temos a presença da música na liturgia cristã desde o início. A igreja cristã sofreu influência direta das práticas do judaísmo em sua liturgia, tendo como diferença básica, e que caracterizava os cristãos, o fato de abraçarem a crença de que o Messias já tinha vindo e que seu nome era Jesus de Nazaré.

Os cristãos não rejeitaram a musicalidade e os aspectos cúlticos do Antigo Testamento, e mantiveram os rituais festivos da tradição judaica, cheios de música, instrumentos musicais, vozes e danças, mas atribuíram novo conteúdo e significados, pois agora tudo apontava para Jesus Cristo.

Como escreveu Ruan Schöenardie Faller em sua tese, ao citar texto de Carl Halter (HALTER apud FALLER, 2019, p. 19):

O Novo Testamento confirma e adota as práticas musicais da Igreja do Antigo Testamento. A Igreja do Novo Testamento continuou o uso musical da sinagoga e do Templo, com apenas os acréscimos e as mudanças necessárias pela admissão de Jesus como o Cristo (1955, p.7, tradução nossa).

Na mesma linha, Ralph P. Martin (2012, p. 18) diz que “o modelo de adoração cristã adotado pela igreja primitiva era o culto e as devoções da fé judaica passados de pai para filho, tendo em vista que a vinda do Messias era o cumprimento desse culto e dessas devoções”.

A começar do Evangelho de Lucas, é possível perceber o quanto é real a ideia de que a igreja cristã nasceu com uma trilha sonora musical que apontava para um relacionamento de adoração a Deus. Nos dois primeiros capítulos deste livro, ao descrever a natividade e a infância de Jesus, o evangelista evidencia a influência dos escritos líricos do Antigo Testamento e relata quatro cânticos ou louvores com formas caracteristicamente poéticas: O “Cântico de Maria” (Lc 1.46-55), conhecido como *Magnificat* (do verbo “magnificar”, em latim); o “Cântico de Zacarias” (Lc 1.67-80), intitulado de *Benedictus* (“Bendito” ou “Louvado”, em latim); o louvor dos Anjos (Lc 2.14), conhecido como *Gloria in excelsis Deo* (“Glória a Deus nos mais altos céus”, em latim); e o “Cântico de Simeão” (Lc 2.28-32), chamado de *Nunc dimittis* (“agora despede”, em latim).

Assim como qualquer judeu de sua época, Jesus cresceu inserido na tradição judaica, debaixo dos ensinamentos e prescrições religiosas, o que inclui, obviamente, todo o envolvimento com a música, não havendo qualquer menção específica nos Evangelhos sobre críticas ou algum desabono em relação à música, sendo habitual sua participação nas festas judaicas como a Páscoa, o Pentecostes e a festa dos Tabernáculos, bem como, cultos no templo, casamentos etc.

Inclusive, por duas ocasiões no seu ministério usou como exemplo situações em que a música e dança compunham o cenário. Na primeira, em uma conversa com a multidão, fez uma comparação usando um fato do cotidiano, “crianças brincando na praça tocando flauta e entoando lamentos” (Lc 7.31) e, em outra ocasião, na conhecida parábola do filho pródigo, fez questão de descrever uma grande festa onde todos cantavam e dançavam depois do abraço que o pai deu ao filho que estava perdido e havia retornado (Lc 15.11-31).

E, não foi à toa que o último ato coletivo de Jesus com seus discípulos antes de ser crucificado, tenha sido cantar junto com eles após sua última refeição. Seu ministério na terra estava terminando e ao final da ceia da Páscoa, antes de sair para o monte das Oliveiras e orar no Getsêmani, cantou um hino juntamente com todos os seus discípulos (Mt 26.30 e Mc 14.26). Provavelmente, um momento de profunda adoração através daquele cântico, confirmando o amor e a fé no Deus Pai por tudo o que viria a acontecer a partir daquele momento.

Mas também aprendemos que, assim como Jesus não aboliu a Lei, mas revelou um significado mais profundo ao cumpri-la, ele também aprofundou o sentido da adoração ao mudar o foco da prática ritual que, para muitos, estava limitada apenas ao cumprimento de regras da tradição, ao propor uma prática de adoração em espírito e em verdade (Jo 4.23-24), decorrente de um relacionamento genuíno e profundo com o Pai.

Fato é que após a ressurreição de Jesus Cristo, a igreja começou a existir como grupo dentro da estrutura da antiga fé judaica, primeiramente em Jerusalém e depois foi crescendo e ampliando suas fronteiras sob a orientação de Deus, formando novas comunidades cristãs fora de Jerusalém. Russell P. Shedd ensina que “Dentro do culto na igreja primitiva, os novos discípulos recebiam a orientação sobre a vida consagrada, que glorifica a Deus (1Pd 1.16, ‘Sede santos porque eu sou santo’)”. (2007, p. 85).

A força da música nos lábios de quem possui um relacionamento verdadeiro e íntimo com Deus, pode ser dimensionada nesse novo momento cristão quando Paulo e Silas foram presos em Filipos. Após terem sido despidos publicamente e severamente açoitados com varas, foram colocados no cárcere interno da prisão com os pés presos ao tronco, e por volta da meia-noite, nessa condição terrível, cheios de dores, surpreendentemente, oravam e cantavam hinos a Deus. Todos ali na prisão ouviram a mensagem através das melodias das músicas (At 16.22-34), uma verdadeira e inexplicável adoração profunda que antecedeu o terremoto que abriu as portas da prisão e, o mais importante, resultou no arrependimento e salvação de vidas. Russell P. Shedd (SHEDD, 2007, p. 109) acredita “que essa música evangelística contribuiu para a conversão do carcereiro (At 15.25)”.

Também constatamos que na igreja dos cristãos primitivos, além de fazer parte da liturgia do culto, a música foi tratada no contexto dos dons espirituais pelo apóstolo Paulo em sua carta aos coríntios (1Co 14.26), onde “apresenta procedimentos específicos para o uso dos dons espirituais na igreja e enfatiza que eles devem ser praticados de forma ordenada”. (BÍBLIA DE ESTUDO NOVA VERSÃO TRANSFORMADORA, 2018, p. 1882).

Importante ressaltar que o uso dos dons espirituais apresentados por Paulo neste texto, quais sejam, o canto, o ensino, a revelação, o falar em línguas e a interpretação do que foi falado, devem ser encarados como uma expressão de culto a Deus com o propósito de fortalecer a todos e “quando motivados por amor genuíno pelos irmãos e por Deus, poderão ser encaixados no quadro de culto genuíno, “em Espírito e em verdade” (SHEDD, 2007, p. 116).

O ser humano é composto de espírito, alma e corpo (1Ts 5.23). Sabemos que esta composição tríplice é questionada por alguns, mas não sendo o foco do nosso estudo. Aceitando essa composição, John Coblentz (2011, p. 26-27) afirma que a música age nas três áreas e os estudiosos da Bíblia dizem, de forma geral, que o espírito é quem responde ao elemento da adoração na música, a alma está mais atrelada ao conteúdo intelectual, artístico e emocional da música e o corpo, aos aspectos palpáveis, como o ritmo e o volume. Mas, apesar de haver esta distinção, o fato é que o ser humano age como um todo e não separado, tanto que o apóstolo Paulo ensina que a adoração em espírito, por exemplo, não está desvinculada do entendimento (1Co 14.15).

Concluindo, ainda que de certa forma as referências à música no Novo Testamento sejam em menor quantidade, seguramente conseguimos confirmar que o soar de vozes em louvor a Deus teve muito destaque nos cultos dos primórdios da igreja, até porque, Tiago, autor da carta que leva seu nome e identificado pela tradição judaica como irmão de Jesus, ensina que “quem está feliz, cante louvores” (Tg 5.13), e essa canção não depende de estar tudo bem, mas sim de estar na presença de Deus.

1.7. A MÚSICA NO CÉU

Aprendemos na Bíblia que há música também no mundo celestial. Milhares de anos após a criação do mundo, o evangelho de Lucas narra o grande acontecimento que mudaria a história para sempre. Inicialmente, um anjo do Senhor veio contar aos pastores as boas novas do nascimento de Jesus, o Salvador, e após dar a grande notícia aos pastores, uma grande multidão do exército celestial se juntou ao anjo e juntos louvaram a Deus com o cântico conhecido como *Gloria in excelsis Deo* (Lc 2.13-14).

João, autor do livro de Apocalipse, por sua vez, ao escrever a revelação de Jesus Cristo que Deus lhe deu (Ap 1.1), descreve uma cena dramática no capítulo 5 em que viu um poderoso anjo perguntando quem seria capaz de abrir o livro (ou “rolo”), mas não havia ninguém que pudesse abrir e lê-lo. E o autor conta que se emocionou a tal ponto que começou a chorar muito até que alguém lhe disse para não chorar pois o Cordeiro, Jesus, aquele que venceu a morte, estava lá e era o único digno de abrir o livro.

A cena vai se desenrolando e a trilha sonora começa a ser tocada (Ap 5.8-14). Cada um dos 24 anciãos tinha uma harpa em suas mãos e passaram a entoar um novo cântico reconhecendo que só Jesus é digno de receber o livro em razão da obra redentora em favor das pessoas de toda tribo, língua, povo e nação.

A experiência continua. João olha novamente e ouve vozes de milhares e milhões de anjos ao redor do trono e, também, dos seres vivos e dos anciãos, cantando com forte voz que “Digno é o Cordeiro que foi sacrificado de receber poder e riqueza, sabedoria e força, honra, glória e louvor!” (Ap 5.12).

E fechando de forma apoteótica, uma das mais belas cenas descritas na Bíblia, o autor conta que depois ouviu todas as criaturas no céu, na terra, debaixo da terra e

no mar cantarem “Louvor e honra, glória e poder pertencem àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro para todo o sempre!” (Ap 5.13).

Vemos ainda em Apocalipse que, após um período de silêncio no céu por cerca de meia hora, serão tocadas seis trombetas e seu som está atrelado ao desencadeamento de pragas sobre a terra (Ap 8 e 9). Que triste melodia será ouvida naqueles dias! Mas o som da sétima trombeta apresenta uma cena do juízo final e do reino eterno, anunciando a instauração do Reino de Deus (Ap 11.15).

E ainda falando dos tempos finais, a Bíblia revela que o anúncio da vinda do Senhor terá em sua trilha sonora a voz do arcanjo e o toque da trombeta de Deus (1Ts 4.16) e ao som da última trombeta os que morreram ressuscitarão para viver para sempre (1Co 15.52).

Constatamos na leitura dos textos que a prática da música, se é que podemos chamar desta forma, também ocorre no mundo celestial e tem sido executada pelos seres celestiais continuamente, inclusive em ocasiões específicas, como no caso da celebração do nascimento de Jesus, e ainda ouviremos as melodias celestiais nos tempos finais descritos em Apocalipse e, porque não dizer, em toda a eternidade.

No próximo capítulo do nosso trabalho, faremos uma breve análise sobre alguns pontos relacionados às epístolas escritas pelo apóstolo Paulo aos Efésios e Colossenses, tais como, contexto histórico e geográfico, destinatários das cartas, semelhanças entre elas, tema tratado e o contexto das igrejas de Éfeso e Colossos no primeiro século.

2. ANÁLISE DAS CARTAS AOS EFÉSIOS E COLOSSENSES E O CONTEXTO DA IGREJA PRIMITIVA NESTAS CIDADES

Inicialmente, vale frisar que as Epístolas aos Efésios e aos Colossenses, juntamente com Filipenses, Filemon e II Timóteo fazem parte do grupo de cartas escritas pelo apóstolo Paulo, tradicionalmente aceitas pela maioria dos estudiosos como tendo sido escritas em períodos em que ele esteve preso em Roma. O primeiro grupo de Cartas, entre os anos 60 e 63 A.D., já a carta de II Timóteo, no final da vida do apóstolo entre 65 e 67 A.D.

2.1. CONTEXTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO NOS TEMPOS DE PAULO

Éfeso e Colossos já eram cidades antigas nos tempos de Paulo, fundadas muito antes do nascimento de Jesus. Geograficamente, eram cidades bem próximas, situadas na Ásia Menor, atual Turquia, distantes cerca de 160 quilômetros uma da outra.

Naquela época, Éfeso era uma grande cidade, assim como as cidades de Roma, Corinto, Alexandria e Antioquia da Síria. Sobre seu contexto temos que:

A terceira viagem missionária de Paulo (53 – 57 d.C.) teve como centro a cidade de Éfeso, capital e porto da província romana da Ásia no litoral oeste da atual Turquia. No tempo de Paulo, Éfeso era a quarta maior cidade do império romano, chegando a ter, talvez, meio milhão de habitantes. Muitos a visitavam para ver o famoso templo da deusa Ártemis”. (BÍBLIA DE ESTUDO NOVA VERSÃO TRANSFORMADORA, 2018, p. 1925).

Além do templo de Ártemis, citado em Atos 19:24-28, uma deusa grega cujo nome romano equivalente é Diana, considerado uma das maravilhas do mundo da época e gerador de grande fonte de renda para a cidade, Éfeso era a maior cidade portuária da Ásia Menor, famosa por ser um centro de negócios, centro de cultura grega, com escolas de filosofia pagã, teatro e, como era comum, uma sinagoga de judeus.

Colossos, por sua vez, era uma cidade situada no vale do rio Lico, uma região muito fértil. Não se sabe exatamente quando foi fundada, mas é certo que bem antes dos tempos de Paulo, tanto que “Heródoto, considerado o pai da História, por volta do ano 480 a.C., a descreve como uma grande cidade” (LOPES, 2008, p. 15).

Apesar de ter surgido inicialmente como uma cidade florescente e das mais importantes cidades frígias na região, Colossos teve uma trajetória descendente na sua história por causa de diversos fatores, indo da grandeza no início para a insignificância no primeiro século da era cristã, tornando-se uma cidade pequena, perdendo também sua importância em razão da projeção ascendente das suas cidades vizinhas próximas, Laodicéia e Hierápolis.

Nos tempos de Paulo, a importância comercial e social de Colossos já estava em declínio e era uma cidade que vivia das glórias do passado, com uma população composta de nativos locais (frígios), gregos e judeus. Ralph P. Martin (1984, p. 14), afirma que Colossos era “uma cidade cosmopolita onde diversos elementos culturais e religiosos se encontravam e se misturavam”.

No que tange à espiritualidade, diversos elementos com características pagãs estavam presentes no cenário religioso da Frígia. Como afirma Hernandes Dias Lopes (2008, p. 18), Colossos era um “canteiro fértil para o paganismo sincrético”.

Havia na região de Colossos o culto a Cibele, a grande deusa-mãe da Ásia, a qual todos os frígios a adoravam. A Frígia era o centro do culto à esta deusa, sendo ele composto de um rito de natureza vinculado com costumes da fertilidade, onde a deusa recebia sacrifícios oferecidos com alegria barulhenta e extática. Porém, práticas ascéticas também faziam parte dessa religião, as quais também foram combatidas por Paulo em sua carta aos Colossenses.

Vemos, portanto, que havia grande diferença entre as cidades, a começar da importância e posicionamento de ambas dentro do império romano no primeiro século, sendo Éfeso, uma cidade importante e próspera, considerada um centro comercial, cultural e de grande influência espiritual com seu templo à deusa Ártemis (ou Diana), e Colossos uma cidade situada em uma região com cenário religioso eminentemente pagão, que já havia perdido alguma importância em relação ao passado, mas ainda relevante pois ficava numa das regiões mais férteis do mundo, com excelentes pastagens e um grande centro de tecelagem onde se fabricavam as melhores lãs do mundo.

2.2. DESTINATÁRIOS DAS CARTAS

Não há questionamento quanto ao destinatário original da carta aos Colossenses uma vez que endereçada à própria igreja de Colossos. Apesar de não

ter sido fundada pelo apóstolo Paulo, havia uma profunda ligação com ele, inclusive no reconhecimento de sua autoridade apostólica e aceitação de seus ensinamentos.

Falando da carta aos Efésios, por alguns motivos, dentre eles o fato de que ela possui a particularidade de não fazer referência direta à situação da igreja de Éfeso, há uma discussão sobre quem seriam seus destinatários. Por não tratar de problemas locais, como normalmente o apóstolo faz em outras epístolas, alguns defendem que originalmente esta seria uma carta circular e não dirigida especificamente aos Efésios.

Mas, como diz Hernandes Dias Lopes (2009, p. 08) “mesmo que isso seja um fato, isso em nada deslustra a integridade e a pertinência de sua mensagem”. Assim, seja ela enviada especificamente aos Efésios, ou tenha sido uma carta circular, o tema que se destaca é o evangelho e as implicações para a relação entre judeus e não judeus.

2.3. SEMELHANÇAS ENTRE AS CARTAS

Em relação ao conteúdo, vale dizer que as cartas aos Efésios e aos Colossenses possuem uma notória afinidade entre elas, a ponto de este ser um dos argumentos contrários à autoria paulina em relação à carta aos Efésios. A semelhança é tanta que alguns estudiosos afirmam que parece ter havido mais uma colagem de textos do que autoria legítima.

Corroborando este pensamento, Hernandes Dias Lopes (2009, p. 09) afirma que “Efésios também é considerada uma carta gêmea de Colossenses. Escritas do mesmo local, no mesmo período e levadas às igrejas pelo mesmo portador, ambas tratam basicamente das mesmas coisas”.

De qualquer forma, independente da definição da autoria, caminhamos neste estudo com a convicção de que ambas são cartas inspiradas pelo Espírito Santo e seguiremos considerando-as autênticas e canônicas, conforme apontam praticamente todos os eruditos desde o primeiro século, assim como a tradição da igreja.

2.4. TEMA TRATADO NAS DUAS CARTAS

Conforme dito acima, a carta aos Efésios não faz referência direta à situação da igreja de Éfeso, sendo considerada uma carta circular por alguns pois não trata de problemas locais daquela igreja, como usualmente Paulo faz em outras epístolas.

Citando o comentário de Hernandes Dias Lopes (apud Curtis Vaughan, 2009, p. 09), “a carta aos Efésios alcança um campo mais vasto do que qualquer outra epístola do Novo Testamento, com exceção, talvez, da Carta para os Romanos. Ela abrange os judeus e os gentios, o céu e a terra, o passado e o presente e os tempos futuros”.

Ainda sobre a carta aos Efésios, Russell Shedd diz:

A Epístola aos Efésios foi escrita provavelmente em 61 A.D., trinta anos, mais ou menos, depois da sua conversão. Foi depois de alguns anos num deserto perto de Damasco, de muitos anos de serviço na obra missionária, de muitas lutas (até físicas); foi depois de ter sido apedrejado, de ter estado muitas vezes em comida e sem seus companheiros, tendo este homem passado a viver cada vez mais na presença de Cristo. Esta epístola é como se fosse o auge, uma descrição inspirada dessa vivência com Cristo; ao mesmo tempo, é uma abertura para a inspiração do Espírito, para todos nós. (2005, p. 11)

Já a carta aos Colossenses tem em seu âmago tratar a questão da chamada “heresia colossense”. A maioria das pessoas que formavam a igreja de Colossos eram de pessoas que vieram do paganismo e do judaísmo, conforme ensina Colossenses 1.21, e dessa mistura surgiu a heresia conhecida como a “heresia de Colossos”.

Ralph P. Martin (1984, p. 19) afirma que “Talvez de forma bem inconsciente, a igreja em Colossos estava sendo exposta a um falso ensino que Paulo considerava uma negação do seu evangelho que Epafras lhe trouxera”.

Ainda sobre o tema combatido na carta aos Colossenses, Ralph P. Martin diz:

O solo da Frígia era terreno fértil para a germinação e crescimento luxuriante de práticas religiosas estranhas. As sinagogas tinham uma reputação de frouxidão e de abertura para a especulação que vinha do mundo helenista. Na igreja colossense parece que estamos em contato com um lugar de encontro onde o judaísmo de livre pensamento, da Dispersão, e as ideias especulativas das religiões de mistério gregas estão em estreito contato. Deste intercâmbio e fusão surge um sincretismo, que é tanto uma novidade teológica (colocando Cristo numa hierarquia e num sistema) quanto eticamente condicionado (defendendo uma disciplina rigorosa e uma recompensa visionária extática). Por estas duas razões, aos olhos de Paulo, é um perigo mortal à igreja incipiente. (1984, p. 29-30)

Sendo assim, o que vemos é que a carta aos Colossenses tem cunho apologético e uma forte resposta contra o estranho ensino que estava se infiltrando na igreja.

Em resumo, ensina Hernandes Dias Lopes (2009, p. 09) “A ênfase fundamental de Colossenses é apresentar Cristo como Cabeça da igreja, e a ênfase essencial de Efésios é apresentar a igreja como corpo de Cristo”.

2.5. CONTEXTO DAS IGREJAS DE ÉFESO E COLOSSOS

A igreja em Éfeso era uma comunidade cristã em crescimento. Paulo teve um papel fundamental na formação da igreja, permanecendo na cidade de Éfeso por um período significativo para fortalecer a comunidade. Mais tarde, Timóteo foi nomeado líder desta igreja por Paulo.

Sobre a igreja em Colossos, é interessante o fato de que não foi fundada diretamente por Paulo, inclusive, ele ainda não tinha ido até Colossos, sendo esta carta a única escrita pelo apóstolo para uma cidade que ele não conhecia pessoalmente. Ralph P. Martin ensina que:

O evangelho cristão foi introduzido em Colossos durante o ministério de Paulo baseado em Éfeso. Segundo Atos 19.10, Paulo exerceu um ministério de pregação na cidade capital da Ásia proconsular com o resultado que “todos os habitantes da Ásia ouviram a palavra do Senhor, tanto judeus como gregos. (1984, p. 17)

Hernandes Dias Lopes (2008, p. 19) afirma que “há consenso entre os estudiosos de que Epafras foi o fundador e o pastor da igreja (1.6; 4.12). Ele era natural da cidade (4.12), servo de Cristo (4.12) e companheiro de prisão do apóstolo Paulo (Fm 23)”.

Ambas as igrejas eram compostas de judeus e não judeus. É nesse contexto que as novas comunidades cristãs são formadas. Numa ponta, os judeus que até então conheciam e cultuavam somente o Deus Pai, que foram educados debaixo da tradição judaica, conheciam as Leis de Moisés e os profetas, mas agora conheceram a revelação do Deus filho, Jesus, como seu salvador. E, em outra ponta, os gentios com experiências religiosas bem diferentes de culto a outros deuses ou a nenhum deus.

Independente de suas origens, ambos entenderam e aceitaram a Jesus Cristo e passaram a caminhar sob o impacto da mensagem do evangelho, em contraste com as religiões pagãs e sincretismo religioso que dominavam as cidades e suas práticas até então. A união de todos era algo de grande importância na carreira de Paulo, pois buscava juntar os que estavam separados e estabelecer uma relação entre judeus e não judeus, como vemos em Efésios 2.11 – 3.21. Uma evidência disso é ensino de que temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito (Ef 2.18).

3. TRICOTOMIA MUSICAL: SALMOS, HINOS E CÂNTICOS ESPIRITUAIS

Pouco antes da segunda metade do primeiro século da era cristã, as igrejas primitivas que estavam se formando após a morte e ressurreição de Jesus Cristo, eram compostas por pessoas de todas as nações, alcançadas pela mensagem dos discípulos que cumpriram a grande comissão (Mt 28.19-20).

O ensino era transmitido tanto presencialmente como através do envio de cartas. Seja qual fosse a forma, as boas-novas não eram apresentadas apenas com palavras, mas com poder, visto que o Espírito Santo é quem dava plena certeza de que era verdade o que era dito (1Ts 1.5).

Fato é que novos discípulos foram surgindo, tais como Priscila, Áquila, Timóteo e Epafras, líderes e fundadores das igrejas de Éfeso e Colossos, os quais foram sendo ensinados e capacitados para cuidar das comunidades cristãs.

Lembrando que o próprio Paulo era judeu e antes de seu encontro com Jesus, dedicava sua vida a preservar a doutrina judaica do Deus único e verdadeiro, a ponto de lutar contra o surgimento de uma “seita” cristã que ameaçava o judaísmo e seguia o Nazareno chamado Jesus Cristo. Mas, resumidamente, em uma viagem para Damasco, que tinha como objetivo destruir a “seita” que estava se espalhando pelas cidades do império romano, Paulo teve um encontro e uma visão que mudou sua vida, tornando-se um novo Paulo, agora transformado pela visão do senhorio de Cristo.

E foi após muitas experiências, já no final de sua vida terrena, que o apóstolo aos gentios escreveu as chamadas “cartas da Prisão”. Russell P. Shedd retrata bem este momento:

Era por volta do ano 60 A.D. Em Roma, numa casa alugada, encontrava-se aquele que talvez tenha sido o preso mais famoso de toda a história: Paulo, da cidade de Tarso. Com ele achava-se alguém que saboreava as palavras do apóstolo com evidente satisfação, arriscando-se, de quando em quando, a alguns palpites: Timóteo. Fora seu companheiro de longas e cansativas viagens e de ardentes perseguições. Ali estava, também preso, o companheiro Aristarco, além do evangelista Marcos e de Onésimo, o escravo foragido da casa de Filemom, de Colossos. Em Roma, nesta ocasião, encontrava-se também Lucas, o médico amigo e companheiro de Paulo, autor do terceiro evangelho. (2005, p. 219)

Paulo estava preso, mas tinha liberdade para ensinar e, melhor ainda, podia colocar no papel suas meditações e ensinamentos (At 28.30-31). Foi o que fez durante o

período de dois anos de reclusão, tendo escrito as epístolas aos colossenses, aos efésios, a Filemom e, possivelmente, aos filipenses.

Em relação à semelhança das cartas aos Efésios e Colossenses, Francis Foulkes comenta que:

O plano e o argumento das epístolas são semelhantes [...] Dentro deste quadro, há seções inteiras que se assemelham muito [...] O 'andar' do cristão é tratado em ambas as cartas, bem como o dever de dar graças, e sua expressão através de louvor e cântico (Ef 5:15-19 e Cl 3:16; 4:5)". (2011, p. 19)

A despeito de tantos ensinamentos contidos nas duas cartas, iremos direcionar nosso foco nos três tipos de composição musical propostos pelo autor para serem usados na liturgia destas comunidades, destacados nos textos de Efésios 5.18-19 e Colossenses 3.16, "salmos, hinos e cânticos espirituais".

Para melhor compreensão, transcrevemos abaixo os versículos, foco do nosso estudo:

Não se embriaguem com vinho, pois ele os levará ao descontrole. Em vez disso, sejam cheios do Espírito, cantando salmos, hinos e cânticos espirituais entre si e louvando o Senhor de coração com música. (BÍBLIA DE ESTUDO NOVA VERSÃO TRANSFORMADORA, Ef 5.18-19, p. 1936).

Colossenses 3.16

Que a mensagem a respeito de Cristo, em toda a sua riqueza, preencha a vida de vocês. Ensinem e aconselhem uns aos outros com toda a sabedoria. Cantem a Deus salmos, hinos e cânticos espirituais com o coração agradecido. (BÍBLIA DE ESTUDO NOVA VERSÃO TRANSFORMADORA, Cl 3.16, p. 1957).

Antes de nos aprofundarmos nas composições musicais, é importante lembrar que a igreja primitiva era composta de membros judeus e não judeus, que tinham origens e experiências religiosas diversas, sendo necessário que o ensino de Jesus fosse apresentado àqueles novos cristãos. Além disso, uma verdade que não pode ser desconsiderada é que a igreja primitiva que começava a se erguer era o próprio povo escolhido, reino de sacerdotes, nação santa, propriedade exclusiva de Deus (1Pd 2.9-10), eleitos antes da fundação do mundo (Ef 1.4-5, 11-13 e 1Co 2.7), cujo corpo é santuário do Espírito Santo (1Co 6.19-20).

E esta nova igreja que surgia, nas palavras do apóstolo Pedro, era um templo espiritual construído para a glória de Deus e para a adoração a ele (1Pd 2.5). Como diz Ralph P. Martin:

A igreja [...] é sacerdócio santo, com o propósito de oferecer sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus mediante Jesus Cristo. Como parceira do antigo Israel dentro dos limites da aliança única da graça, a igreja é formada pelo chamado do próprio Deus, a fim de anunciar 'as grandezas daquele que [...] a] chamou das trevas para sua maravilhosa luz'. Enfim, Deus conclamou a igreja de Cristo à existência com a finalidade de ser uma comunidade adoradora". (2012, p. 16)

Sobre as quatro palavras utilizadas pelo apóstolo Paulo, Russell P. Shedd faz uma interessante distinção:

Estas três palavras, "salmos, hinos e cânticos" (Cl 3.16), tomadas juntas, descrevem de modo global o âmbito da adoração expressa pela música e estimulada pelo Espírito. O termo "espirituais" refere-se a todas as formas de expressão de louvor contidas nos três termos, ainda que não possamos precisar as formas exatas da expressão musical. (2007, p. 110)

Ralph P. Martin (2021, p. 17), afirma que "É a dignidade e a excelência de Deus, portanto, que possibilitam nossa adoração. Quando oferecemos a ele nossa devoção, louvor e oração, este é o pensamento que deve ocupar nossa mente em primeiro lugar: somente Deus é digno de adoração".

A "adoração", portanto, é a chave hermenêutica para analisarmos os textos de Efésios 5.18-19 e Colossenses 3.16. Obviamente que adoração não é sinônimo de música e nem está restrita a ela. Adorar a Deus é atribuir a ele valor supremo, porque somente ele é digno, e a música nesse contexto, é um dos instrumentos dados por Deus para que essa adoração aconteça.

3.1. SALMOS, HINOS E CÂNTICOS ESPIRITUAIS: SINÔNIMOS OU EXPRESSÕES DISTINTAS?

É consenso para muitos a dificuldade de se fazer uma distinção segura entre as expressões "salmos, hinos e cânticos espirituais", e "os estudiosos da atualidade concordam entre si que eles são usados sem rigor semântico para abranger as várias formas da composição musical" (MARTIN, 2012, p. 63).

Por um lado, há aqueles que entendem que os termos podem ser considerados sinônimos, ou com significados muito próximos entre si, por estarem agrupadas de forma igual como canções de louvor e adoração e, também, por estarem identificadas para cumprir o mesmo objetivo, qual seja, o relacionamento entre os irmãos e Deus.

Por outro, há os que defendem tratar-se de expressões com significados distintos, sendo intenção do apóstolo apresentar todo tipo de música que poderia ser usada na adoração a Deus.

Douglas J. Moo comenta que:

Se é possível distinguir o sentido desses três termos é questionável. As mesmas três palavras são encontradas em Efésios 5.19. 'Salmos' se refere geralmente no grego a uma canção entoada segundo o 'tanger' (gr. *psallo*) das cordas de um instrumento (esp. uma harpa). No Novo Testamento, seguindo a LXX, a palavra é em geral aplicada ao livro de Salmos no Antigo Testamento (Lc 20.42; 24.44; At. 1.20; 13.33). Em 1 Coríntios 14.26, no entanto, ela parece ser usada em geral para um 'cântico' ou 'hino'. "Hino (*hymnos*) ocorre apenas aqui e no paralelo em Efésios 5.19 no Novo Testamento. Na LXX, a palavra traduz uma variedade de palavras hebraicas se referindo a cânticos religiosos e, em especial, cânticos de louvor a Deus. Esse sentido geral de um cântico no louvor de um deus imita o uso geral da palavra no grego. 'Cântico', por fim, é um termo bem genérico, usado no grego secular e na LXX para todo tipo de canção. A palavra ocorre com muita frequência nos títulos dos salmos da LXX. (MOO, 2020, p. 366)

Importante fazer a distinção de que, na carta aos Efésios, como vimos, possivelmente escrita para várias igrejas e não apenas para uma, Paulo aborda temas como a questão da reconciliação dos judeus com os gentios, o mistério do evangelho, a plenitude do Espírito, a família e a batalha espiritual. Como disse Hernandez Dias Lopes (2009, p, 08) "Essa é uma carta não apenas teológica, mas, sobretudo, prática".

Em Efésios 5.18-19, o autor trata do modo de vida prudente que o cristão deve ter e, no caso do relacionamento com Deus, não importa a modalidade musical, para louvar ao Senhor com música, Paulo exorta os leitores a permitirem que o Espírito os encha, inclusive para cantar salmos, hinos e cânticos espirituais.

E, na carta as Colossenses, após receber informações do evangelista Epafras sobre a situação das igrejas no Vale do Lico sobre o "surgimento de certas correntes teológicas que ameaçavam a saúde espiritual desse novo centro de divulgação do cristianismo" (SHEDD, 2005, p. 219), mesmo sem ter visitado aquela igreja até então, Paulo reage contra as heresias que misturavam elementos judaicos e gnósticos, e escreve a carta contra toda a sutileza filosófica que lhe fora descrita.

E, ao tratar do senhorio de Cristo na vida prática do novo cristão, em Colossenses 3.16, a exortação é que se aceite a palavra de Cristo para que ela habite ricamente nos corações.

Os trechos paralelos nestas duas cartas apresentam uma congruência entre o enchimento do Espírito e o enchimento da palavra de Cristo. E com base nesta

conexão, Russell P. Shedd (2005, p. 273) conclui “que o enchimento do Espírito corresponde a uma disposição para obedecer aos mandamentos de Cristo. Tal desejo e capacidade não se explicam senão pela operação graciosa de Deus no coração convertido (Jo 14.23)”.

É nítida a preocupação de Paulo com relação ao que deveria ocorrer na liturgia nas novas comunidades cristãs, sendo que “As ocasiões que Paulo tinha em mente eram provavelmente os cultos que a igreja primitiva realizava em casas particulares” (SHEDD, 2005, p. 273). Ralph P. Martin afirma que “A igreja cristã nasceu em meio aos cânticos” (2012, p. 53) e com esta afirmação, iremos olhar para os livros do Novo Testamento e descobrir neles a presença desses cânticos de adoração, especificamente nas modalidades descritas pelo apóstolo Paulo.

Apesar da dificuldade em fazer uma distinção entre estes termos, alguns autores têm apresentado algumas explicações, como Ralph P. Martin que diz:

Colossenses 3.16 e Efésios 5.19-20 formam um par e nos informam da existência de “salmos, hinos e cânticos espirituais”. É difícil fazer qualquer distinção segura entre esses termos, e os estudiosos da atualidade concordam entre si que eles são usados sem rigor semântico para abranger as várias formas da composição musical. “Salmos” talvez se refira a odes cristãs que seguem o padrão do Saltério do Antigo Testamento. “Hinos” seriam composições mais longas, e há evidências de que alguns exemplos desses hinos se achem no próprio Novo Testamento. “Cânticos espirituais” referem-se a fragmentos de louvor espontâneo que o Espírito colocava nos lábios do adorador inspirado, como dá a entender 1 Coríntios 14.15. (2012, p. 63)

Douglas J. Moo, por sua vez, diz que

Se seguirmos a NVI ligando *pneumatikais* a essa última palavra apenas na série, então ela possivelmente se refere a um louvor musical espontâneo a Deus ou Cristo incitado pelo Espírito. Nesse caso, é atraente identificar ‘salmos’ com cânticos baseados nas Escrituras, ‘hinos’ com cânticos sobre Cristo, e ‘cânticos’ como composições espontâneas incitadas pelo Espírito. (2020, p. 366-377)

Seguindo a ideia desses estudiosos que fazem certa distinção ao definir cada tipo de composição musical, seguiremos este trabalho explanando individualmente sobre cada um dos termos, aprofundando no entendimento de suas prováveis origens e, porque não dizer, refletir brevemente nas diferentes funções propostas para eles.

3.2. SALMOS

A primeira forma de composição citada pelo apóstolo Paulo são os salmos. Como dissemos, não há certeza sobre a distinção entre as três expressões, a ponto de Ralph P. Martin (2012, p. 58), dizer que é provável que as alusões que Paulo faz em Cl 3.16 e em Ef 5.19 a “salmos” reflitam o emprego de composições cristãs pois, o adjetivo “espirituais” (ou, mais precisamente “inspirados pelo Espírito”), pode estar modificando também o termo “salmos”. Mas em seguida, o mesmo autor continua refletindo e diz também que não é provável que Paulo estivesse falando de “salmos inspirados pelo sopro do Espírito”, caso a referência pretendida fossem os textos do Saltério judaico.

Concordamos com a interpretação do Dr. Russell P. Shedd (SHEDD, 2005, p. 274), quando diz que os salmos “provavelmente eram os mesmos que encontramos em nossa Bíblia, veículo maravilhoso dos sentimentos de louvor e adoração, durante os últimos três mil anos”.

O livro de Salmos faz parte da cultura judaica desde o antigo Israel. Ele está no centro da Bíblia Sagrada e é uma obra literária constituída de 150 (ou 151, segundo a Igreja Ortodoxa) cânticos e poemas proféticos, que incluem lamentos, cânticos de louvor, sabedoria e gratidão, e meditações sobre os feitos poderosos de Deus, celebrações da revelação divina e adoração, cujas letras foram inspiradas por Deus. Em seu livro, Adhemar de Campos (2006, p. 13) vai dizer que os Salmos retratam “a vida de homens de Deus, assim como os poderosos feitos do Senhor na história do povo de Israel”.

O título do livro no original hebraico é *Tehilim*, que significa “louvores”, e a palavra “Salmos”, no grego *Ψαλμός*, foi utilizada posteriormente em uma versão da Septuaginta (*Codex Vaticanus*), cuja transliteração latina é “música”, referindo-se a hinos acompanhados por instrumentos de cordas.

Já vimos que os cristãos mantiveram aspectos dos cultos e musicalidade da tradição judaica em seus cultos, entre eles a presença da música, com a diferença que a partir da vinda do Messias, o faziam com a visão de que tudo apontava para Jesus Cristo.

Portanto, na igreja primitiva, o “hinário do Antigo Testamento” recebia este olhar cristão, com a diferença de que eram detectados nos textos prefigurações e profecias sobre Cristo. Inclusive, lemos nos comentários bíblicos que “O Senhor Jesus e os

apóstolos tinham grande apreço pelos salmos e não apenas os citavam como também os usavam na vida diária” (BÍBLIA DE ESTUDO NOVA VERSÃO TRANSFORMADORA, 2018, p. 867).

A importância do emprego do Saltério auxiliando na busca de uma linguagem que desse expressão às emoções dos cristãos, por exemplo, pode ser vista no início da igreja em Jerusalém, quando o movimento já estava sob ataque evidente das autoridades religiosas. Após ouvir o relato de Pedro e João que tinham acabado de ser libertos, a comunidade se uniu em oração apresentando a Deus as dificuldades e citaram o Salmo de Davi (Sl 2.1-2) fazendo referência a Jesus Cristo, e pediram coragem para continuar anunciando as boas novas (At 4.24-30).

A título de curiosidade, era costume concluir a refeição da Páscoa entoando a última parte dos salmos de *hallel*, grupo de salmos que começam com a palavra “Aleluia”, recitados para expressar louvor e gratidão a Deus, especialmente pelos milagres e libertações da nação judaica. Por esta razão, alguns estudiosos sugerem que na última Ceia da Páscoa, quando Jesus cantou um hino junto com os discípulos, este tenha sido o *Grande Hallel* (Sl 136).

3.3. HINOS

A segunda forma de composição musical citada pelo apóstolo Paulo são os hinos que, no entendimento de Russell P. Shedd (2005, p. 274), “eram peças compostas em forma prática, que exaltavam a Cristo (exemplo: Fp 2.6-11)”.

Se, por “salmos”, entende-se naturalmente que o apóstolo pode estar se referindo ao Saltério do Antigo Testamento, por “hinos”, que é uma palavra que só aparece em Colossenses 3.16 e em Efésios 5.19, o entendimento é que seriam composições mais longas, inclusive com evidências e exemplos deste tipo de composição no próprio Novo Testamento.

Ao fazer esta distinção, entendemos que estes seriam hinos de louvor a Deus e a Jesus que eram compostos pelos cristãos. Segundo nosso entendimento faz todo sentido, nesse contexto, composições espontâneas de louvor e adoração que expressavam emoção e entusiasmo. Afinal, estavam vivendo o “tempo certo”, a “plenitude dos tempos” (Gl 4.4), um momento único na história em que Deus havia enviado seu Filho para o mundo. A igreja primitiva estava presenciando um avivamento e um despertar para um relacionamento profundo e verdadeiro com

Cristo e, nada mais normal do que haver composições musicais que falassem deste tema.

Como já dissemos, o canto cristão não era novidade na comunidade cristã do primeiro século, ou, nas palavras de Ralph P. Martin, ele

não irrompeu num mundo que até então estivera emudecido, em que os hinos eram desconhecidos. A igreja teve seu berço no judaísmo e tomou emprestadas muitas de suas formas de adoração do templo e da sinagoga. (2012, p. 54, 55)

Encontramos diversas publicações sobre hinos e cânticos compostos nas igrejas da época, que, inclusive, são citados pelos escritores do Novo Testamento, tais como aqueles chamados “sacramentais”, em Efésios 5.14; os “confessionais”, como o citado por Paulo em 2 Timóteo 2.11-13; e os “cristológicos”, destacando-se o texto de 1 Timóteo 3.16.

Na passagem de 1 Coríntios 14.26, o apóstolo aos gentios confirma a existência do canto na liturgia do culto cristão e, inclusive, alguns versículos antes (1Co 14.15), faz um prenúncio de como seria este canto, qual seja, em espírito, mas também em palavras que poderiam ser entendidas. Inclusive, estudiosos vão dizer que, o fato de ser colocado em primeiro lugar na lista do texto em 14.26, poderia ser uma indicação de que o culto cristão começaria com o hino, ficando comprovada a existência de um elo com o padrão do culto judaico na sinagoga, que também começava com uma nota de louvor.

No livro de Atos 13.1-2, temos um texto importante que informa que a igreja primitiva de Antioquia da Síria oferecia adoração ao Senhor e, para muitos estudiosos, esta adoração era feita através de “hinos dirigidos a Cristo (como em Fp 2.6-11 e 1Tm 3.16), nos quais Jesus é louvado com uma adoração que pertence especificamente ao próprio Deus” (MARTIN, 2012, p. 43).

3.4. CÂNTICOS ESPIRITUAIS

A terceira forma de composição musical é o cântico espiritual. Sempre importante ressalvamos a questão da dificuldade em distinguir o sentido dos termos “salmos, hinos e cânticos espirituais”, e há aqueles que interpretam que estas três palavras juntas descrevem de forma geral o âmbito da adoração expressa pela música

e estimulada pelo Espírito e, o termo “espirituais”, por sua vez, refere-se a todas as formas de expressão de louvor contidas nas três palavras anteriores.

Em contrapartida, se o entendimento for de que a palavra “espirituais” esteja qualificando somente o termo “cânticos”, então é possível que a expressão “cânticos espirituais” esteja se referindo a um louvor musical espontâneo a Deus ou Cristo inspirado pelo Espírito.

Russell P. Shedd (2005, p. 274) vai além, e diz que “cânticos espirituais talvez fossem cantos ou coros compostos nas reuniões, especialmente sob a inspiração do Espírito (à semelhança da prática de falar línguas e profetizar – veja 1Co 14)”.

É nessa linha que Ralph P. Martin (2012, p. 63) diz que cânticos espirituais “referem-se a fragmentos de louvor espontâneo que o Espírito colocava nos lábios do adorador inspirado, como dá a entender 1 Coríntios 14.15”.

Em termos de ocorrência desta expressão no texto bíblico, Hernandes Dias Lopes (2008, p. 193) comenta que “cânticos espirituais, *odais pneumatikais*, no sentido de um poema cantado, não aparece só aqui [Colossenses 3.16] e em Efésios 5.19, como também em Apocalipse 5.9; 14.3 e 15.3. Trata-se necessariamente de uma canção sagrada”.

Concluindo, as três expressões tratam de canções de louvor e adoração e concordamos com aqueles que entendem que elas podem ter significados diversos. A maior lição que tiramos na questão da tricotomia musical citada nos textos de Efésios e Colossenses é que, não importa qual o tipo de composição musical, a música tem o propósito de ser usada como instrumento para o verdadeiro relacionamento com Deus, tal qual afirma Russell Shedd, “a principal forma de adoração seria por intermédio da música, salmos, hinos e cânticos espirituais, entoados para louvar a Deus” (SHEDD, 2002, p.273).

Para finalizar focando no poder da música, lembramos da experiência difícil, porém extremamente maravilhosa de Paulo e Silas na prisão (At 16.25). A Bíblia não revela e, portanto, não é possível identificar qual foi o canto que eles entoaram. Pode ter sido um salmo de Davi, Asafe ou Moisés, ou um hino de adoração composto naquela época, ou até um cântico espiritual. Independente da música, o que importa é nunca esquecermos do que é capaz de fazer uma música espiritual, divinamente inspirada por Deus.

A seguir, faremos uma aplicação prática da adoração verdadeira através da música.

4. APLICAÇÃO PRÁTICA

De certa forma, Efésios 5.18-19 e Colossenses 3.16, mesmo não dando informações mais completas sobre os tipos musicais, ainda são uns dos poucos textos que fornecem alguma percepção de adoração dos cristãos primitivos. Neles, identificamos pelo menos dois pontos básicos: em primeiro, a mensagem sobre Cristo era central para a experiência da adoração; segundo, eram essenciais várias formas de música para a experiência no relacionamento com Deus.

Vimos neste estudo que, ao longo de toda a Bíblia, há muitas passagens em que Deus ordena que o ser humano se valha deste elemento cultural, a música, assumindo seu lugar significativo nos atos de louvor que os Homens devem lhe prestar, com frases como, “Venham, vamos cantar ao Senhor!” (SI 95.1), “Cantem ao Senhor um cântico novo! Toda a terra cante ao Senhor” (SI 96.1), “Cantem ao Senhor um cântico novo, pois ele fez maravilhas” (SI 98.1).

E não somente ao Homem, mas a ordem é ampliada para que todas as coisas criadas louvem o nome do Senhor, incluindo os anjos, exércitos celestiais, sol e lua, todas as estrelas brilhantes, criaturas das profundezas do oceano, fogo e granizo, neve e nuvens, ventos tempestuosos, montanhas e colinas, árvores frutíferas e cedros, animais selvagens e domésticos, seres que rastejam e os que voam, reis da terra e todos os povos, governantes e juizes da terra, rapazes e moças, idosos e crianças, pois ele ordenou, e elas vieram a existir (SI 148).

Mas não é apenas cumprir a liturgia da música. Pensando sobre qual seria o poder da música para dinamizar a adoração, Adhemar de Campos (2006, p. 62) responde que não seria uma técnica nova, uma fórmula mágica ou uma revelação especial, mas sim que “o poder por trás da música é o Espírito Santo”.

Na prática, cantar “salmos, hinos e cânticos espirituais” está intimamente ligado com ter uma vida santificada e cheia do Espírito Santo. Russell P. Shedd diz:

Todos devem ser cheios pelo Espírito, mensageiro divino da palavra viva de Deus (Ef 5.18). Em sua passagem paralela de Colossenses, Paulo diz: ‘Habite em vós a palavra de Cristo’ (3.16), dando a entender que a plenitude do Espírito significa ouvir e receber profundamente a mensagem que Cristo está transmitindo à sua igreja. (2007, p. 49-50)

Hernandes Dias Lopes (LOPES, 2009, p. 139-140) identifica quatro benefícios decorrentes do enchimento do Espírito Santo, sendo o primeiro a comunhão cristã (Ef

5.19a) “...cantando salmos, hinos e cânticos espirituais entre si...”; o segundo é a adoração (Ef 5.19b) “...e louvando ao Senhor de coração”; o terceiro é a gratidão (Ef 5.20) “Por tudo deem graças a Deus, o Pai”; e o quarto benefício é a submissão (Ef 5.21) “Sujeitem-se uns aos outros por temor a Cristo”.

Na primeira parte do capítulo 3 do livro de Colossenses, versículos 1 a 17, o apóstolo Paulo dá instruções aos que ressuscitaram para uma nova vida com Cristo, sendo que nos versículos 1 a 11, aborda as evidências da verdadeira conversão e, nos versículos 12 a 17, traz evidências da verdadeira santificação. A sequência dos textos faz todo sentido pois, como disse Hernandes Dias Lopes (2008, p. 177), “a conversão precede a santificação, a qual segue inevitavelmente àquela”.

No processo de santificação, o apóstolo Paulo menciona a necessidade de permitir que a paz de Cristo governe o coração (Cl 3.15), uma paz que ocorre quando há convicção de que os pecados passados foram perdoados e que nada no futuro o irá afastar de Cristo. E, havendo paz no coração, a consequência é ter gratidão nos lábios (Cl 3.15b), como foi o caso de Davi quando pecou e confessou seu pecado (2Sm 12), e voltou a entoar cânticos de louvor ao ser perdoado (Sl 51). E na sequência do capítulo 3, o autor apresenta mais um recurso importante no processo de santificação que é ser preenchido pela Palavra de Cristo (Cl 3.16), o que implica em ser governado por ela.

A consequência de ser cheio da Palavra de Cristo é transbordar em uma música de adoração a Deus. Hernandes Dias Lopes (2008, p. 192) diz que “a vida transformada por Cristo e orientada por sua Palavra expressa sua felicidade e gratidão através de salmos, hinos e cânticos espirituais”.

Russell P. Shedd (2007, p. 09) faz uma pergunta retórica sobre quem seriam os verdadeiros adoradores, e ele mesmo, baseando-se no ensino de Paulo responde que “a verdadeira adoração é aquela que se oferece a Deus pelo Espírito, não confiando na carne, mas gloriando-se em Cristo Jesus (Fp 3.3)”.

Assim, no relacionamento do Homem com o Criador, a dependência do Espírito Santo deve ser geral, total e irrestrita pois, onde ele está, ali há liberdade (2Co 3.17). A inspiração para adorar em espírito e em verdade nascerá a partir do tempo diário com Deus e sua Palavra (Sl 34.1) e, quanto mais imerso nela, maior será a profundidade no conhecimento e relacionamento com Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este trabalho apontando a presença da música na história, destacando pontualmente alguns momentos históricos, começando na criação do mundo, caminhando na história até o primeiro século da era cristã, e constatamos que a música sempre esteve presente em todos os momentos e que Deus a utiliza com propósitos diversos no relacionamento com o ser humano. Em seguida, analisamos as cartas aos Efésios e Colossenses, seus contextos e focamos nas três composições musicais propostas pelo apóstolo Paulo para a liturgia dos cultos nas igrejas de Éfeso e Colossos.

Vimos que “a música, como todas as outras coisas, foi criada e é uma dádiva de Deus, nunca foi uma criação do homem” (SERGIO, 2024, p. 37), e sempre esteve presente, desde antes da criação do mundo e continua até os dias atuais. Em relação à sua presença na Bíblia, Maria Victoria Triviño Monrabal afirma que:

A música sempre sustentou a leitura dos textos bíblicos com moldes melódicos, com melodias singelas ao alcance de todos. Sempre salmodiou ao som de instrumentos, de preferência os de corda. Sempre teve cânticos, composições poéticas, aos quais se respondia com estribilhos e aclamações muito breves. (2006, p. 61)

Em ambos os textos, Efésios 5.18-19 e Colossenses 3.16, Paulo focou na adoração e no louvor ao Senhor através da música, e incitou a comunidade a colocar a mensagem sobre Cristo no centro de sua experiência coletiva. Concordamos com a afirmação de Russell P. Shedd (2005, p. 273) quando diz que “junto com a edificação mútua, a igreja deve dar muita atenção ao culto. A principal forma de adoração seria por intermédio da música, salmos, hinos e cânticos espirituais, entoados para louvar a Deus”.

No caso de Efésios, Paulo encorajou o povo a buscar a plenitude do Espírito Santo, pois, como disse Hernandes Dias Lopes (LOPES, 2009, p. 136), “é possível ser nascido do Espírito, ser batizado com o Espírito, habitado pelo Espírito, selado pelo Espírito e, ainda assim, estar sem a plenitude do Espírito”. E, em Colossenses, o apóstolo “quer que a comunidade ensine e admoeste uns aos outros por meio de vários tipos de cânticos e quer que eles façam isso cantando para Deus com o coração cheio de gratidão” (MOO, 2020, p. 364).

Sobre o louvor a Deus, desde os tempos passados o salmista exorta os justos a louvarem ao Senhor com melodias, com um novo cântico e com música tocada com habilidade (Sl 33). Em contrapartida, há um triste contraste neste chamado à adoração com cânticos e instrumentos quando lemos a mensagem de Amós, e entendemos que quando a adoração não vem de um coração justo e não contém louvor verdadeiro, não passa de ruído e Deus não os ouve (Am 5.23).

Neste sentido, Russell P. Shedd (2002, P. 274) reconhece que “Frequentemente o que se canta não tem eco num espírito de louvor interno, transformando, assim, a adoração em formalismo e não uma realidade”.

Os textos de Paulo tratam do culto coletivo, mas a mensagem está direcionada aos cristãos individualmente que irão efetivamente cantar os salmos, hinos e cânticos espirituais, pois a música, por si só, não é o que define a verdadeira adoração, mas sim a atitude de um coração transformado. Adhemar de Campos já disse que “o objetivo e o propósito de Deus com relação à música não incluem somente os cultos e as reuniões, uma vez que ela está ligada ao plano glorioso e eterno da redenção do homem, da natureza e de toda a criação” (CAMPOS, 2006, p. 14).

Sendo assim, o relacionamento com Deus não pode ser hipócrita e nem de infidelidade espiritual. Não há como encobrir uma vida de pecado apenas realizando práticas solenes e rituais meramente religiosos e achar que Deus não se importa. Para estes, Deus afirma tristemente:

Sinto imenso desprezo de suas festas religiosas, não suporto suas reuniões solenes.
Não aceitarei seus holocaustos nem suas ofertas de cereal. Não darei a mínima atenção para suas melhores ofertas de paz.
Chega de seus ruidosos cânticos de louvor! Não ouvirei a música de suas harpas. (BÍBLIA DE ESTUDO NOVA VERSÃO TRANSFORMADORA, Am 5.21-23, p. 1412).

E, ainda, lembramos o que preconiza o texto de 1 Coríntios 14.15-17, quando Paulo enfatiza consideravelmente a questão da inteligibilidade da música que será cantada. Quando cita “salmos, hinos e cânticos espirituais”, podemos até debater a quais estilos musicais estava se referindo, como fizemos de forma acadêmica neste trabalho, mas, na prática, seja qual for o estilo, deve ser inteligível para quem estiver ouvindo.

A música cristã começou a ser ouvida no primeiro século, nos locais de reuniões onde os novos discípulos de Jesus se reuniam, a princípio dentro das casas,

sinagogas, posteriormente nas catacumbas, corredores secretos e, após o cristianismo se tornar religião oficial no século IV, saiu do subterrâneo e penetrou nas igrejas, passando por diversas fases e lutas sobre questões musicais, chegando até os nossos dias. Pensando nas liturgias das igrejas contemporâneas, Carson et al. fazem a seguinte crítica:

As reuniões da igreja, por mais que Deus seja adorado nelas, têm a responsabilidade colateral de educar, informar e transformar a mente daqueles que delas participam, de treinar o povo de Deus em justiça, de expandir seus horizontes não só para que eles conheçam melhor Deus (e, portanto, possam adorá-lo melhor), mas para que também compreendam mais adequadamente as dimensões da igreja que ele redimiu por intermédio da morte de seu Filho (e, portanto, adorá-lo melhor) – e isso significa, certamente, mais do que a parte restrita da igreja que subsiste em uma subcultura particular.

A importância da inteligibilidade (na música, por exemplo) deve, portanto, ser justaposta à responsabilidade de expandir os horizontes limitados de uma estreita tradição. (2017, p. 53)

Ainda falando do atual momento das igrejas cristãs, Hernandes Dias Lopes diz:

Há uma inter-relação entre Bíblia e música na igreja. A pobreza do conhecimento da Palavra reflete no imenso número de músicas evangélicas pobres e vazias de conteúdo bíblico. Os compositores evangélicos precisam ser cheios da Palavra, pois música é teologia cantada. (2008, p. 193)

Por fim, o verdadeiro louvor, o sacrifício de louvor, é o fruto dos lábios que confessam o nome de Jesus (Hb 13.15), e nesta adoração, em sentido estrito, não é momento de pedir, reivindicar e nem agradecer, mas apenas exaltar e glorificar a Deus pelo que ele é e não pelo que faz, como aprendemos na linda oração que encerra o livro de Habacuque (Hc 3), escrita pelo profeta em forma de salmo, inclusive, com a orientação para que fosse acompanhada pela música dos instrumentos de corda.

De tudo o que foi visto, percebemos que Deus propõe um relacionamento verdadeiro e profundo, onde Cristo é a figura central. As várias formas de músicas fazem parte deste relacionamento e possuem papel importante na adoração daquele que se aproxima do Senhor.

Portanto, unindo os ensinamentos dos dois trechos estudados, concluímos que a adoração através de salmos, hinos e cânticos espirituais, está intrinsicamente atrelada ao enchimento do Espírito e ao enchimento da Palavra de Cristo, restando ao cristão pedir que Deus faça como fez com o salmista Davi, dando-lhe “um novo cântico para

entoar, um hino de louvor a nosso Deus” (Sl 40.3). Desta forma, a música cumprirá seu propósito no relacionamento com Deus e no verdadeiro louvor a ele de coração.

BIBLIOGRAFIA

ASHTON, Mark. HUGUES, Kent. KELLER, Timothy J. CARSON, D. A. *Louvor: análise teológica e prática*. Tradução: Wilson de Almeida – 1. ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo Nova Versão Transformadora*. Tradução: Susana Klassen ... [et. al] – 1. ed. – São Paulo/SP: Mundo Cristão, 2018.

BURROUGHS, Jeremiah. *Adoração evangélica – Ou a maneira correta de santificar o nome de Deus em geral*. Tradução: Helio Kirchheim. Brasil: Os puritanos, 2015.

CAMPOS, Adhemar de. *O poder da música a serviço da adoração*. São Paulo/SP: Editora Fôlego, 2006.

COBLENTZ, John. *Música numa perspectiva bíblica*. Tradução: Myron Kramer. São Paulo/SP: Literatura Monte Sião do Brasil, 2011.

DICIONÁRIO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO. R. Laird Harris organizador. Tradução: Marcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo/SP: Editora Vida Nova, 1998.

ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática*. Tradução: Lucy Yamakami. São Paulo/SP: Vida Nova, 1997.

FALLER, Ruan Schöenardie. *O povo de Deus canta o que crê: um estudo sobre a importância das letras de músicas cristãs no ensino do povo de Deus*. Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Teologia da Universidade Luterana do Brasil. Canoas/RS. 56 páginas, 2009.

FOULKES, Francis. *Efésios – Introdução e comentário*. Tradução: Márcio Loureiro Redondo. São Paulo/SP: Vida Nova, 2011.

LEINIG, Clotilde Espínola. *A música e a ciência se encontram: um estudo integrado entre a música, a ciência e a musicoterapia*. Curitiba/PR: Juruá, 2009.

LOPES, Hernandes Dias. *Efésios: igreja, a noiva gloriosa de Cristo*. São Paulo/SP: Hagnos, 2009.

LOPES, Hernandes Dias. *Colossenses: a suprema grandeza de Cristo, o cabeça da igreja*. São Paulo/SP: Hagnos, 2008.

MARTIN, Ralph P. *Colossenses e Filemon - introdução e comentário*. Tradução: Gordon Chown. São Paulo/SP: Edições Vida Nova e Editora Mundo Cristão, 1984

MARTIN, Ralph P. *Adoração na igreja primitiva*. Tradução: Gordon Chown. São Paulo/SP: Vida Nova, 2012.

MONRABAL, Maria Victoria Triviño. *Música, dança e poesia na Bíblia*. Tradução: José Belisário da Silva. São Paulo/SP: Paulus, 2006.

MOO, Douglas J. *O comentário de Colossenses e Filemom*. Tradução: Helena Aranha. São Paulo/SP: Shedd Publicações, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O crepúsculo dos ídolos ou A filosofia a golpes de martelo*. Tradução: Edson Bini e Márcio Pugliesi. Curitiba/PR: Hemus S.A, 2001.

PIPER, John, *Os prazeres de Deus*. Tradução: A. G. Mendes. São Paulo/SP: Vida Nova, 2023.

ROOKMAAKER, H. R. (Hendrik Roelof). *A arte não precisa de justificativa*. Tradução: Fernando Guarany Jr. Viçosa/MG: Ultimato, 2010.

SANTOS, Heliobaldo Pereira dos. *Música a luz da Bíblia e nos dias atuais*. Rio de Janeiro/RJ: AG Publicações, 2014.

SÉRGIO, Junior. *A música e seus mundos*. Serra/ES: Blessed Books Editora e Store, 2024.

SCHAEFFER, Francis A. *A arte e a Bíblia*. Tradução: Fernando Guarany Jr. Viçosa/MG: Ultimato, 2010.

SHEDD, Russell P. *Adoração Bíblica: os fundamentos da verdadeira adoração*. São Paulo/SP: Vida Nova, 2007.

SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey. M. *Epístolas da prisão: uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemon*. São Paulo/SP: Vida Nova, 2005.

SWINDOLL, Charles R. *Paulo: Um homem de coragem e graça*. Tradução: Neyd Siqueira. São Paulo/SP: Mundo Cristão, 2003.

WIERSBE, Warren W. *The Wiersbe Bible Commentary: Old Testament*. Colorado Springs/CO (USA): David C. Cook, 2007.

ZSCHECH, Darlene. *Adoração extravagante*. Tradução: Lenita Ananias do Nascimento. Belo Horizonte/MG: Editora Atos, 2003.